

3

Em busca da motivação da gramaticalização das adversativas

O título do capítulo bem como o título da própria tese podem fazer supor que aqui serão comentadas exaustivamente as teorias da gramaticalização. Na verdade, o que se fará é um recorte teórico o mais sucinto possível que diga respeito diretamente ao tema da tese: motivações conceituais da gramaticalização. E serão apresentadas também justificativas sobre os recortes feitos.

3.1

Em busca de um recorte das teorias da gramaticalização

O advento das teorias da gramaticalização trouxe um impulso muito grande para o estudo da mudança lingüística. No Brasil, a gramaticalização tornou-se um dos pontos mais caros às correntes funcionalistas preocupadas com a análise gramatical do português, não só sob perspectiva diacrônica, ao contrário do que se possa imaginar. Nos programas de pós-graduação do país, cresce o número de pesquisadores que se ocupam com as inovações e renovações gramaticais da língua.

O avanço teórico leva mesmo a se afirmar a existência de uma teoria geral da gramaticalização ou mesmo a se empregar o termo *gramaticalização* para se referir não só ao processo pelo qual itens menos gramaticais se incorporam à gramática das línguas naturais, mas também para se referir a um paradigma de análise lingüística.

Autores como Hopper & Traugott (2003) e Heine *et al* (1991) reivindicam que, se análises empíricas indicam haver padrões cognitivos sobre os quais se assentam os processos de gramaticalizações, então tais processos podem ser vistos como sendo de natureza heurística e explicativa a respeito das línguas naturais.

Nesta tese não se discutirá o mérito da questão, uma vez que a análise não será tão profunda a ponto de (des)autorizar o ponto de vista referido, o que não

impede que as conclusões que dela venham a ser retiradas possam contribuir para o aprofundamento do debate.

O objetivo principal desta tese não é discutir as questões teóricas envolvidas nas teorias da gramaticalização; o objetivo principal da tese é buscar uma motivação semântica que dê conta de explicar por que *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* se tornaram semelhantes a *mas*, do ponto de vista semântico.

Esta foi a pergunta fundadora da tese e os referenciais teóricos da gramaticalização foram consultados para que, neles, se pudesse encontrar a resposta o mais objetiva possível à pergunta, já que todos reconhecem que os processos de gramaticalização envolvem em alto grau questões semânticas e oferecem suporte teórico consistente para o seu tratamento.

Já mesmo no início da revisão bibliográfica desta tese, constatou-se que Barreto (1999) aponta a metonímia como motivação semântica comum à mudança sofrida por todas as adversativas, embora a autora descreva e comente cada uma em particular, agrupando-as em seções segundo a estrutura sintagmática que apresentem originariamente: conjunções provenientes de sintagmas pronominais, conjunções provenientes de sintagmas adverbiais, etc. Também outros referenciais teóricos consultados – Hopper & Traugott (2003), Heine *et al* (1991) – consideram a metonímia, ao lado da metáfora, um dos principais fatores de motivação de processos de gramaticalização em geral.

Seguiu-se, então, uma análise dos dados o mais exaustiva possível (do ponto de vista qualitativo e não quantitativo) para se averiguar a hipótese da motivação metonímica. O capítulo seguinte mostrará, porém, que uma análise satisfatória de *mas*, em ocorrências tanto medievais quanto atuais, tornou-se possível a partir da leitura proposta por Sweetser (1991) para análise de *but*. O modelo proposto por Sweetser encontra-se em uma obra que trata principalmente de mudanças linguísticas provenientes da incorporação à gramática de diversas línguas de elementos inicialmente lexicais, o que, para a autora, sugere haver uma motivação metafórica geral atuando sobre as mudanças semânticas das línguas, questão que será discutida em 3.4. Além disso, o modelo proposto para *but* foi satisfatório não só para a análise das ocorrências selecionadas como também para a elucidação da motivação que favoreceu a mudança de significado apresentada por *mas*, o que fez

com que os mesmos pressupostos utilizados no capítulo 4 fossem empregados no capítulo 5 para a análise dos demais elementos.

Portanto, no presente capítulo, não se fará uma explanação detalhada das teorias da gramaticalização. Aqui serão apresentados e discutidos os pontos específicos dos referências consultados que possam contribuir para o entendimento de questões referidas nos demais capítulos, e em especial os pontos encontrados em Sweetser (1991) que tenham norteado a análise dos dados e a reflexão sobre a motivação da mudança experienciada pelas adversativas.

Com isso, está claro que, embora os pontos teóricos da gramaticalização tenham sido lidos e interpretados sob orientação dos dados, a localização do presente capítulo antes dos capítulos destinados à análise propriamente dita dos elementos obedece à finalidade de facilitar a compreensão do texto por parte do leitor.

3.2

A obra de Meillet (1912)

A obra de Meillet (1912) é referência praticamente obrigatória em qualquer trabalho que trate de gramaticalização, em especial por ser a primeira a enfocar declaradamente o processo de gramaticalização, sob uma perspectiva diacrônica. Na referida obra, Meillet estabelece três classes de palavras – as principais, as acessórias e as gramaticais – e propõe haver entre elas uma transição gradual. As palavras gramaticais seriam fruto de um processo originado sobre as principais. A esse processo Meillet se referiu com o rótulo da gramaticalização, que seria, então, a “atribuição de um caráter gramatical a um termo anteriormente autônomo” (Meillet, 1912, p. 131).

Nesse sentido, as adversativas corroboram a proposta de Meillet, já que, de uma classe acessória (a dos advérbios, elementos sem autonomia plena), chegaram a uma classe gramatical, a das conjunções, entre as quais se inserem, senão pelo critério sintático, pelo menos pelo semântico, já que sofreram, em algum grau, o que Meillet chama de “esvaziamento de sentido”. Por esvaziamento semântico entende-se a perda da transparência a que se referiu na seção 2.4, questão de fundamental importância no pensamento de Meillet. Ressalve-se que, conforme se

verá, não é a função adverbial que determina a mudança sofrida pelos itens, e sim sua função coesiva determinada por suas propriedades pronominais.

Com relação à intensa renovação do sistema de conjunção empreendida no português medieval e ao desaparecimento das formas latinas, Meillet entende, como já se disse, ser este um movimento proveniente da gramaticalização, que, ao criar continuamente novas formas, leva as antigas a se desgastarem e desaparecerem. A questão do “esvaziamento de sentido” merece, no entanto, ser vista com cuidado e o será em 3.4.

3.3

As obras de Heine *et al* (1991) e Hopper & Traugott (2003)

Hopper & Traugott (2003) entendem a gramaticalização como o processo em que “tanto itens lexicais e construções formam-se em certos contextos lingüísticos para exercer funções gramaticais quanto itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais” (Hopper & Traugott, 2003, p. 1), definição que aponta uma dinamicidade na gramática das línguas, já que entende que formas já gramaticalizadas podem se tornar ainda mais gramaticalizadas.

Já se disse que Hopper & Traugott (2003), assim como Heine *et al* (1991), acreditam que as observações de trajetórias comuns seguidas por elementos em gramaticalização que tenham tido a mesma fonte indicam uma característica universal nos processos de gramaticalização que pode dar-lhes um *status* teórico explanativo acerca das línguas humanas.

Entre os aspectos recorrentes nos processos de gramaticalização, ambas as referências apontam a metonímia e a metáfora como possíveis fatores motivadores das mudanças verificadas.

Segundo Hopper & Traugott (2003, p. 87), a metonímia é um processo diretamente ligado à reanálise, que, por sua vez, diz respeito às questões estruturais da gramaticalização.

Devido à contigüidade sintática, altera-se a relação até então estabelecida entre os constituintes de uma sentença. Essa visão encontra-se repercutida no tratamento que Barreto (1999) dá a metonímia, quando afirma que palavras negativas como *não* teriam tido o sentido incorporado por elementos adjacentes tornando-os conjunções adversativas. A diferença é que Hopper & Traugott

referem-se a estrutura sintática e Barreto a sentido. Mas a própria autora comenta que a metonímia “não tem, no processo de gramaticalização, um status equivalente ao da metáfora” (Barreto, 1999, p. 114).

Hopper e Traugott (2003, p. 88) afirmam que “recentemente a importância fundamental da metonímia conceptual na língua em geral vem sendo amplamente reconhecida”, sendo que o processo pode dar-se em contextos que incluem interdependência morfossintática dos constituintes. Tomando metonímia nessa acepção, a hipótese da motivação metonímica como atuante no processo de gramaticalização das adversativas parece mais plausível, mas, no caso, a simples adjacência sintática não seria suficiente para explicar a transferência de sentido.

Heine *et al* (1991), por sua vez, reivindicam um lugar proeminente à metáfora dentro dos fatos da gramaticalização. Para eles, a metáfora é uma estratégia cognitiva que pode ser observada, por exemplo, em escalas como: espaço > (tempo) > texto.

A escala acima, que indica unidirecionalidade nos processos de gramaticalização, deve ser lida da seguinte maneira: elementos cujo sentido diga respeito à categoria cognitiva de espaço, se se gramaticalizarem, assumirão sentidos textualmente localizados, podendo passar pelo sentido da categoria cognitiva de tempo.

Observa-se que subjaz às escalas a crença na metáfora como um aspecto da criatividade humana, criatividade entendida como inerente à habilidade cognitiva humana. Por esse processo criativo, nas línguas se formariam novos significados mais abstratos tendo por base significados concretos. Na verdade, Heine *et al* (1993) tratam esses significados, assim como Sweetser (1991), sob o rótulo de domínios.

O termo *domínio* é próprio das correntes teóricas cognitivas e é usado para mostrar que o significado lingüístico se processa cognitivamente. Torrent (2005) afirma que o termo refere-se a “estruturas organizadas da memória”. Assim deverá ser entendido quando utilizado nas citações tomadas a Sweetser (1988, 1991) que se seguem.

3.4

As obras de Sweetser (1988, 1991)

Em Sweetser (1991), o tratamento dado às mudanças semânticas tem base cognitivista. A autora segue um caminho inverso ao de Hopper & Traugott (2003) e Heine *et al* (1991) no tratamento da gramaticalização. Enquanto os últimos preconizam que processos específicos de gramaticalização podem suscitar a formulação de teorias lingüísticas que ultrapassem o âmbito da gramaticalização, Sweetser (1991), por sua vez, defende que o mesmo modelo teórico capaz de descrever mudanças semânticas gerais deverá descrever casos específicos de gramaticalização.

Já em outra obra, Sweetser (1988) retoma duas questões levantadas por Meillet: (i) Há enfraquecimento ou perda de significado nos casos de mudanças lingüísticas? (ii) Em que medida as direções das mudanças semânticas são regulares e previsíveis?

Sobre Sweetser (1991), o capítulo 4 mostrará que a autora vê uma relação de projeção metafórica entre três domínios da linguagem: o do conteúdo (que se refere ao mundo físico, real), o epistêmico (que se refere ao raciocínio) e o dos atos de fala (que se refere à conversação). A proposta de análise de *but* (adversativa prototípica do inglês) fundamentada na relação de sentido existente entre os dois últimos domínios citados converge com a proposta da autora para análise de outros pontos abordados em sua obra.

Por exemplo, ao enfocar mudanças ocorridas com verbos perceptivos do inglês, Sweetser cita, entre outros, “hear” (*ouvir, escutar*), para mostrar que ele pode ser usado tanto no domínio do conteúdo (“Não escutei a buzina”) como no sentido metafórico de *obedecer* (“Não escutei minha mãe e me arrependo”). Os exemplos foram dados por mim. Aqui se teria uma metáfora de percepção operada no domínio mental. A manipulação física de um som que é retido oferece motivação semântica para que o verbo seja usado no sentido em que o que é retido são dados. O sentido básico de “retenção de estímulos exteriores” mantém-se, todavia, tanto quanto o sentido básico de *mas* mantém-se apesar das projeções metafóricas que o levam a ser usado no domínio conversacional a partir de seu uso no domínio epistêmico, conforme se verá no capítulo seguinte. A partir de

observações como essa, Sweetser reúne argumentos para responder às perguntas que propõe e que foram relatadas acima.

Outro exemplo utilizado pela autora é o verbo *go* do inglês, que, significando inicialmente movimento físico, por uma projeção metafórica, passa ao sentido de futuridade. Sweetser, rechaçando a tese do esvaziamento semântico sugerida por Meillet, propõe que, se o sentido de movimento físico se perdeu na projeção, outros traços do domínio fonte foram mantidos no domínio alvo, a saber: a linearidade existente entre duas localizações, agora temporais e não mais espaciais; a perspectiva assumida pelo falante, que se posiciona sempre no domínio fonte; a tentativa de alcance de um alvo distante.

Uma consequência teórica e prática do raciocínio desenvolvido por Sweetser (1988, 1991) é a apreensão da polissemia como inerente ao processo. Muito simplificada, por polissemia se entende, em oposição a homonímia, a relação semântica existente entre unidades lingüísticas que representem a mesma palavra fonológica, diferentemente do que ocorre nos casos de homonímia, em que palavras fonológicas idênticas são tidas como não relacionadas do ponto de vista semântico.

Sweetser (1988, 1991) advoga que, se uma mesma palavra é usada em diferentes domínios conceptuais em função de uma transferência metafórica, tem-se aí um caso de polissemia. Uma vez que casos como esse originam os processos de mudança como o da gramaticalização, então a polissemia é condição inerente à mudança semântica. As transferências metafóricas, contudo, não ocorrem fortuitamente, mas sim segundo aproximações entre nossas experiências no mundo físico que são reorganizadas mentalmente de forma mais abstrata, sendo que o contrário não pode ocorrer, haja vista o caráter linear apontado pela autora na formação de novos significados lingüísticos, como os que ocorrem na gramaticalização. As propostas de Sweetser certamente serão necessárias para uma melhor compreensão dos capítulos seguintes, da mesma forma que eles explicitarão melhor a aplicabilidade desses pontos de vista.

Antes de se passar adiante, faz-se necessário esclarecer os conceitos de transparência e desbotamento semântico mencionados no capítulo anterior. O termo consagrado na bibliografia da gramaticalização é *bleaching* (desbotamento). Todos os referenciais teóricos tratam do assunto, pois é inerente às mudanças semânticas que sentidos velhos sejam aparentemente apagados. Os exemplos dados por

Sweetser com os verbos *hear* e *go* demonstraram que, no caso das mudanças operadas metaforicamente, não há apagamento propriamente dito, já que alguns traços dos domínios fontes são mantidos.

No entanto, os traços apontados como mantidos por Sweetser não são necessariamente percebidos intuitivamente pelo falante. Quando, no capítulo anterior, se afirmou que *contudo* é mais transparente porque seu sentido original pode ser percebido pelo falante, levou-se em conta o falante. Os outros elementos do conjunto das adversativas aos quais se atribui um desbotamento mais profundo certamente também guardam rastros dos sentidos que apresentavam em seus domínios fontes, que só não são visíveis aos olhos do falante comum.